

GALERIA  
ARTA  
GLOBAL

1976 • 5

Instituto de arte contemporânea



instituto de arte



Contemporânea

# EVANY FANZERES

## PINTURAS

20 DE ABRIL A  
7 DE MAIO  
1976

GALERIA ARTE GLOBAL  
AL SANTOS 1893 / SP

## BIOGRAFIA

1956 — Inicia-se na técnica de preparo de telas e tintas sob orientação de Eliseu Visconti Cavalleiro.

1958 — Frequenta o Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro para desenhar e estudar história da arte.

1959 — Aluna de Aloysio Carvão e Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio.

1961 — Cursa graphic design e pintura na Central School of Arts em Londres como bolsista da Fundação Casa do Brasil.

1964 — Artista estagiária na Academia de Dusseldorf, onde estuda pintura e teoria sob orientação de Carl Gotz, como bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Cultural (D.A.A.D.).

1971 — Bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.

### Exposições individuais

1962 — Casa do Brasil / Londres  
Embaixada do Brasil, Bonn

Instituto Teuto-Brasileiro / Colônia  
1963 — Hans Pohlkötter / Munster  
Neuse Galerie, Essen

1971 — Galeria Buchholz / Lisboa

1972 — Galeria Thomas Wolf, Cascais

1973 — Galeria Bonino / Rio de Janeiro

1976 — Galeria Global / São Paulo

### Exposições coletivas

1959 — Exposição de Jovens,  
Escolinha de Arte do Brasil.

1960 — Alunos de Aloysio Carvão,  
Museu de Arte Moderna, Rio.

1961 — Quatro Novos, Instituto  
Italiano di Cultura, Rio.

I Salão de Artes Plásticas do Instituto  
Brasil-EEUU.

Exposição Formiplac / Museu de Arte  
Moderna, Rio.

X Salão de Arte Moderna / Rio.

Exposição Formiplac, Galeria Ambiente,  
São Paulo.

Salão de Arte Moderna de Curitiba.

1963 — Salão de Abril da Petite  
Galerie, Museu de Arte Moderna / Rio.  
Exposição da Esso Museu de Arte  
Moderna Rio.

1967 — IX Bienal de São Paulo.  
Coletiva na Sociedade Brasileira de  
Cultura Inglesa.

XVI Salão de Arte Moderna Rio.

I Bienal de Artes Plásticas Salvador.

1968 — O Rosto e a Obra, Instituto  
Brasil-EEUU.

III Salão de Arte Moderna do Distrito  
Federal, Brasília.

Países Latino-americanos / Ministério  
das Relações Exteriores (itinerante)  
1969 — Salão da Bússola / Museu de  
Arte Moderna, Rio.

1973 — XII Bienal de São Paulo.

V Panorama da Arte Atual Brasileira,  
Museu de Arte Moderna / São Paulo.

1975 — VII Panorama da Arte Atual  
Brasileira, Museu de Arte Moderna,  
São Paulo.

### Prêmios

1961 — Aquisição / Salão de Arte  
Moderna de Curitiba.

1967 — Aquisição / do Ministério das  
Relações Exteriores, IX Bienal de  
São Paulo.

1969 — Aquisição / das Listas  
Telefônicas / Salão da Bússola.

1973 — Aquisição / XII Bienal de  
São Paulo.

## APRESENTAÇÃO

### EVANY: REINVENÇÃO PLÁSTICA

Desde 1963, esta artista consolidou a sua maneira de ver e fazer, pela força de sua criação plástica, atingida após o estágio de estudos de "graphic design" na Central School of Arts de Londres e a sua permanência em Dusseldorf. Bastante conhecida no Brasil e em Portugal, a sua obra merece o respeito que tem recebido e que suas exposições estão confirmando.

Sua arte de concreções volumétricas alcançou a plenitude formal do signo e a potencialidade da contenção sintética em parte independentemente de seus caracteres simbólicos, resultando virtualmente do formalismo que tanto marcou o nosso século. Todavia, em seu recente evoluir para a simulação de cristalizações da matéria ou para a captação da natureza (e do verde) em disposições compositivas aderentes a uma visualidade moderna, em seus traços internacionalizados, nota-se uma abertura para novos caminhos, permanecendo a base visual.

A reinvenção da plástica em Evany Fanzeres poderia talvez ser relacionada ao tempo de sua preocupação de "designer" com marcas, mas o transcende, de forma por demais evidente.

Esta pintora, que fez volumes reais, sem que esses aparentes "modelos" dispensassem a certeza de uma comunicabilidade inerente também à linguagem pictórica (na verdade, no caso, inerente a Evany e à arte fundamental que é a pintura), comprimia massas estáveis ou em expansão, amarrando-as com traços coloridos ou negros. Traços que se situam como ritmos formais e como eixos da matéria.

De José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves até Antonio Bento, o pensamento e a sensibilidade dos críticos e poetas espelharam o sentido signico da fase básica da artista, aquela em que se revelou e se fixou o seu estilo pessoal.

A coerência da pintora se mantém, na presente mostra, na qual ao lado das concreções tão fortes de sua visualidade, nos exhibe dois ou três trabalhos em que os volumes se dispõem em ritmos arquitetônicos pequenos quase metálicos e, sobretudo, expõe cerca de dez telas de uma etapa que decorre das anteriores, com linhas de cristalização em redes unificadoras do volume. Estes últimos trabalhos, em preto e branco ou já com nuances ou notas de verde, mantêm o aspecto sintético de bloco resistente, da imagem que ficou típica na produção da artista.

Um pouco diversos, com verdes ricos de transparências e com arranjo espacial em que o sistema é outro, em relação ao retângulo, são os últimos trabalhos de Evany, mais ecológicos e simbólicos. A sua imagem não é mais a da concreção de volumes, se bem que continuam a

existir formas regulares a conter e ordenar o espaço, retângulos e quadrados. O percurso criador desse "exercício" é conexo, como dissemos, a soluções internacionais recentes, mas se ajusta às preocupações essenciais da artista e participa de seu desenvolvimento criador.

O segredo do valor da pintura de Evany Fanzeres reside no impacto tátil, com que percute sobre a nossa visão. Os seus estudos teóricos de símbolos e de história das formas e a sua personalidade tão viva e profunda podem fazer-nos suspeitar que uma leitura atenta — com ou sem depoimentos da artista — de suas obras, nos conduziria a compreender e situar melhor o conteúdo expresso nos seus signos elementares ou nas tentativas "junguianas" de transmissão alquímica da natureza. Submetida porém, como o é, essa intenção à formulação predominantemente formal da autora, deixa-nos à vontade para observar que, em face de uma exposição, o visual é o resultado (o resultado é o visual) e é este que explica e unifica a criação, na sua percepção inicial.

O visual nesta obra está na expressão de uma potencialidade plástica, de artista de valor, pertencente às gerações "de meio", atuantes no país, amadurecidas nos tão difíceis anos 60.

Mário Barata  
Abril, 1976.

"Enquanto o sinal de trânsito é impeditivo e estático, o sinal de Evany é dinâmico e propositivo de libertação de energia(s) em divergentes direções, é um núcleo expansivo prestes a rebentar, de um modo orgânico, propondo uma meditação em termos de energia, de ciclos alternantes de compressão e expansão, de contenção e explosão, constituindo um todo energético que, sendo rigorosamente definido, não tem princípio nem fim: o sinal não se contém nos limites da superfície que o representa. Esta continuidade vertical do sinal contribuiu ainda para lhe aumentar a carga semântica, pois além da representação espacial, da explosão em vias de acontecer, se propõe à sua continuidade pulsante, respiratória, viva, ao longo de um eixo, que talvez possa ser um eixo de tempo, concebido sincronicamente e não diacronicamente, por meio de unidades de pulsação estruturadas umas nas outras.

É precisamente esta leitura aberta, polivalente, mas precisa, que a linguagem de sinais de Evany Fanzeres nos propõe num contraponto com o contexto social, onde seus textos se criam e inscrevem."

E. M. de Mello e Castro, Literatura para vêr, Vida Mundial, 14. I. 1972 Lisboa

"Na linha dos signos, Evany Franzeres levanta uma afirmação bastante séria em pintura, sem recorrer a qualquer mistificação, o que se faz necessário ressaltar."

Geraldo Ferraz, O Estado de São Paulo, 27 X 1967

"Silenciosas, mas fortes, capazes de resistir impavidamente à avalanche dos ismos e modismos. Como o signo não tem pátria ou idade, sua pintura é ao mesmo tempo universal (como a de Mondrian) e nacional (como a de Rubem Valentim).

Frederico de Moraes, Diário de Notícias, 14 VIII 1968

"Estamos diante de uma artista que transforma o conceito em forma pura, o racional em nova figura, já que não se pode falar, a rigor, em abstração, diante destas formas que se comprimem e expandem, limitadas e pulsantes, como digamos, o momento de um coração dissimulado."

Walmir Ayala, Jornal do Brasil, 11 VI 1973

Dentro de possibilidades de leituras que nos encaminhariam a outros sentidos simultâneos, existe diante do espectador o impacto que o leva a uma conotação emergente, como um pressuposto sentido unívoco, algo assim como:

"Existe neste trabalho uma persistente tensão entre material elementar e o domínio sobre ele exercido. O material elementar, massas obscuras, expressos sob as espécies mineral-pétreo, mineral-metálica, orgânica-animal ou vegetal; o domínio técnico, sobre estas espécies exercido, é um domínio duplo; interno e externo, o da matéria e o psicológico, o da consciência e o do inconsciente. Os dois elementos, matéria e técnica, se organizam como dois polos emissores e estabelecem entre si uma informação constante, dinâmica e simultânea diante do observador, o olho que pensa, vê e escuta. Este então é jogado entre a imobilidade, o estável, o repouso, o permanente e o móvel, o instável o transitório e a ação.

O primeiro polo consiste na conotação do signo que a forma possibilita, e o segundo na conotação que estabelece a forma na articulação e estruturação do espaço."

(Osmar dos Santos Fonseca, artista plástico)

## DEPOIMENTOS

O ponto inicial é a forma. A forma representada em garrafas ou vasilhames bojudos, algo morandianos, pintura em tons sombrios de terras. Muito jovem, influencio-me pela onda tachista e a forma se dilue dentro de uma atmosfera líquida. Em 1963 ou 1964, a forma ressurge: um retângulo negro encimado por cinco faixas vermelhas; é uma volta, uma recuperação. Vem o signo, pintado sob várias maneiras. Em 1968, signo sobre forma, tema descrito como compreensão e expansão de forma, desenvolvido até 1974, tendo sido inclusive levado à tridimensionalidade. A partir de então, desta ligação com o espaço real, com os objetos, a forma passa a um estágio geométrico, dentro de um sistema em que os volumes se dispõem em ritmo, criando uma ambivalência entre concavidade e convexidade. Deixa de haver diferenciação entre forma e signo — a forma é signo e vice-versa. Linhas curvas e linhas retas. Volumes transparentes, nebulares, formas compactas, escuras, descritas em sinuosidades ou linhas retilíneas.

## BIBLIOGRAFIA

Walmir Ayala — "Evany Fanzeres" — O Brasil em marcha 10/5/1961 Rio.  
Frederico de Moraes — "Ordem e Coerência" — Diário de Notícias 7/I/1968.  
Walmir Ayala — "Nova Paisagem Orgânica" — Jornal do Brasil 11/VI/1973.  
Regina Colônia — "Expansão e Compressão" — Jornal do Brasil 26/IX/1970.  
Geraldo Ferraz — "Da nova figuração aos signos na IX Bienal" Est. de São Paulo, 1967.  
Rui Mário Gonçalves — "O sinal incômodo" — A Capital, 29/IX/1971 Lisboa.  
J. M. de Mello e Castro — "Literatura para vêr" — Vida Mundial Agosto de 1971, Lisboa.  
G.P.F. "Evany Fanzeres" — Der Mittag, 12/XI/1962 — Dusseldorf  
G.V.K. "Eine junge Malerin aus Brasilien" — Westdeutsche Allgemeine Zeitung fevereiro de 1962 — Essen.  
H.S. "Kunstlerin aus Brasilien" — Neue Ruhr Zeitung 17/IV/63 — Essen.  
Franz Kl. Giesecking "Evan/ Fanzeres" Westfälische Nachrichten — Munster 1963.

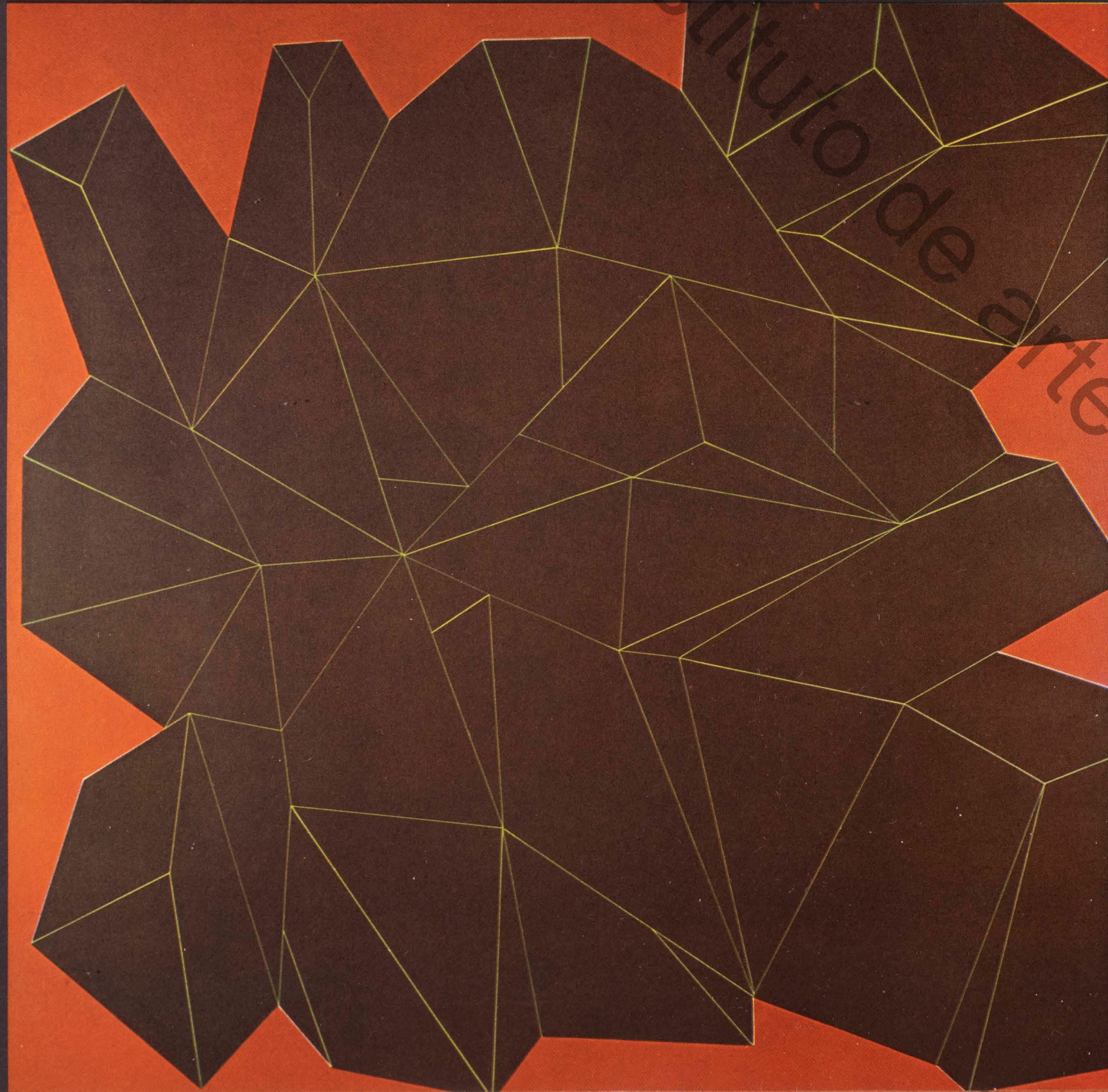
M.R. "Farbenprach aus Rio" — Welt am Sonntag, 22 de Abril 1962, Essen.  
R. Caltófen "Dem Kreuz des Südens entgegen" — Begegnung, abril 1961 — Colônia.  
Frederico Moraes "Evany, exposições..." "Diário de Notícias" 8/XI/1968.  
Sonia Coutinho "Vida e morte da Bienal" (depoimento) O Globo 27/I/1975.  
Roberto Pontual / Dicionário Brasileiro das Artes Plásticas.  
Delta Larousse enciclopédia.  
Fernando Pernes / Colóquio Artes 1972, Lisboa.  
José-Augusto França / Prefácio da exposição na galeria Buchholz 1971 Lisboa.  
Antonio Bento / Prefácio da exposição na galeria Bonino 1973 Rio.

## CATÁLOGO

01	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	81 x 81 cm
02	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	81 x 81 cm
03	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	81 x 81 cm
04	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	81 x 81 cm
05	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 97 cm
06	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 97 cm
07	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 97 cm
08	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 97 cm
09	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 100 cm
10	Pinura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 100 cm
11	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 100 cm
12	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	100 x 100 cm
13	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	130 x 130 cm
14	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	130 x 130 cm
15	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	130 x 130 cm
16	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	130 x 130 cm
17	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	160 x 160 cm
18	Pintura	Tinta Acrilica sobre tela	160 x 160 cm

Instituto de arte contemporânea

1973 / 1,30 x 1,30 cm



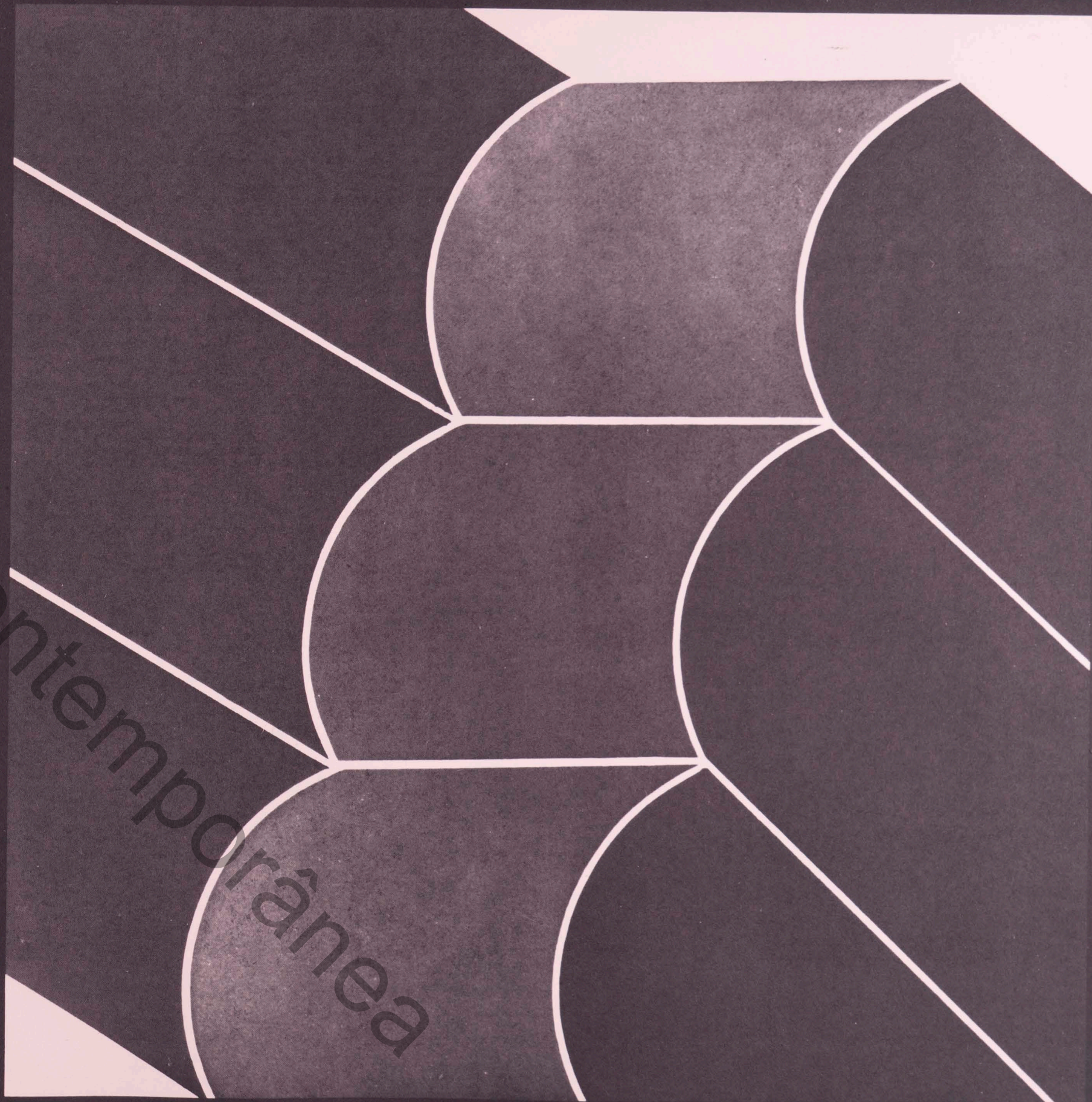
1975 / 1,00 x 1,00 cm



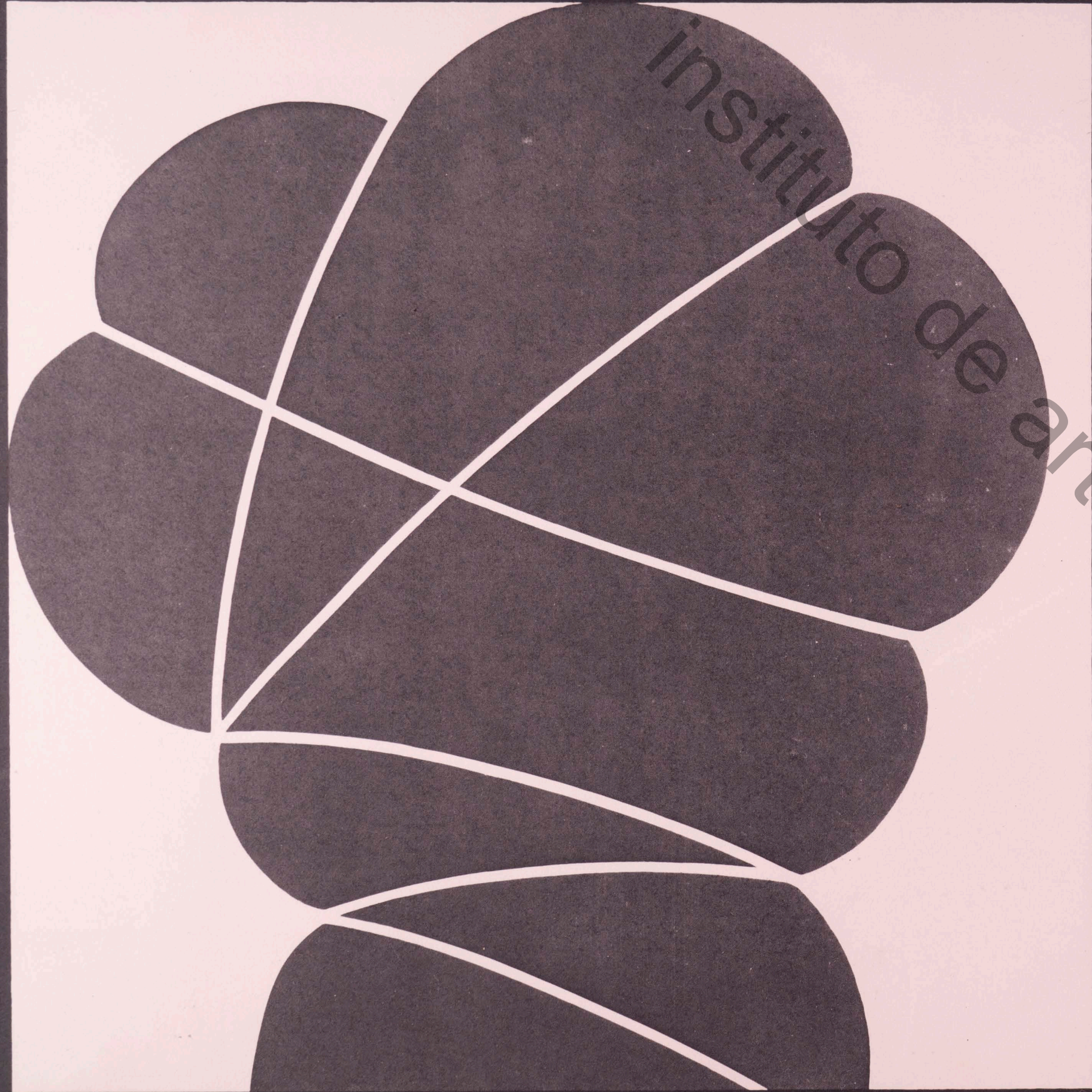
instituto de arte

contemporânea

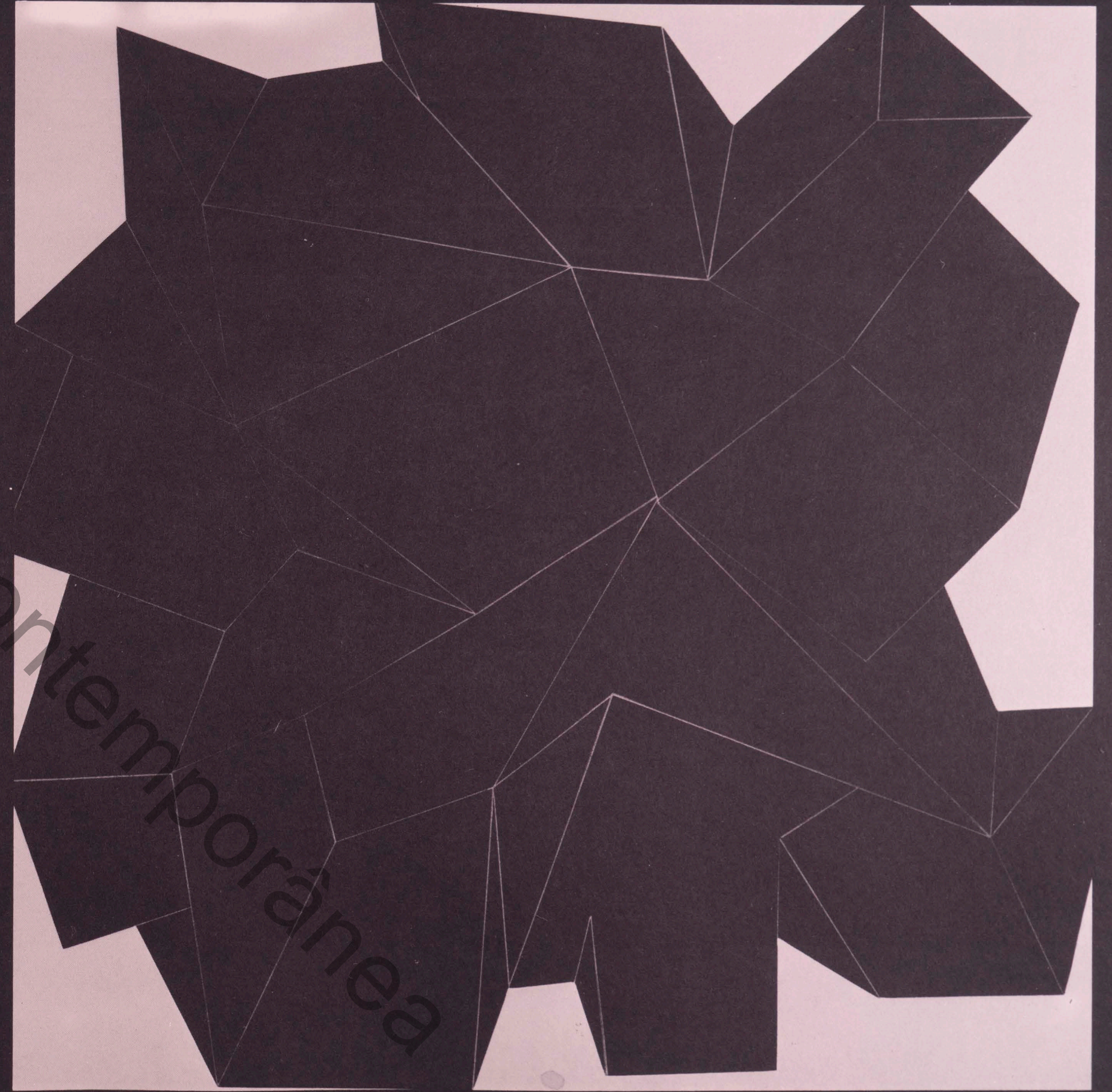
1974 / 0,81 x 0,81 cm



1974 / 0,81 x 0,81 cm



1976 / 1,60 x 1,60 cm

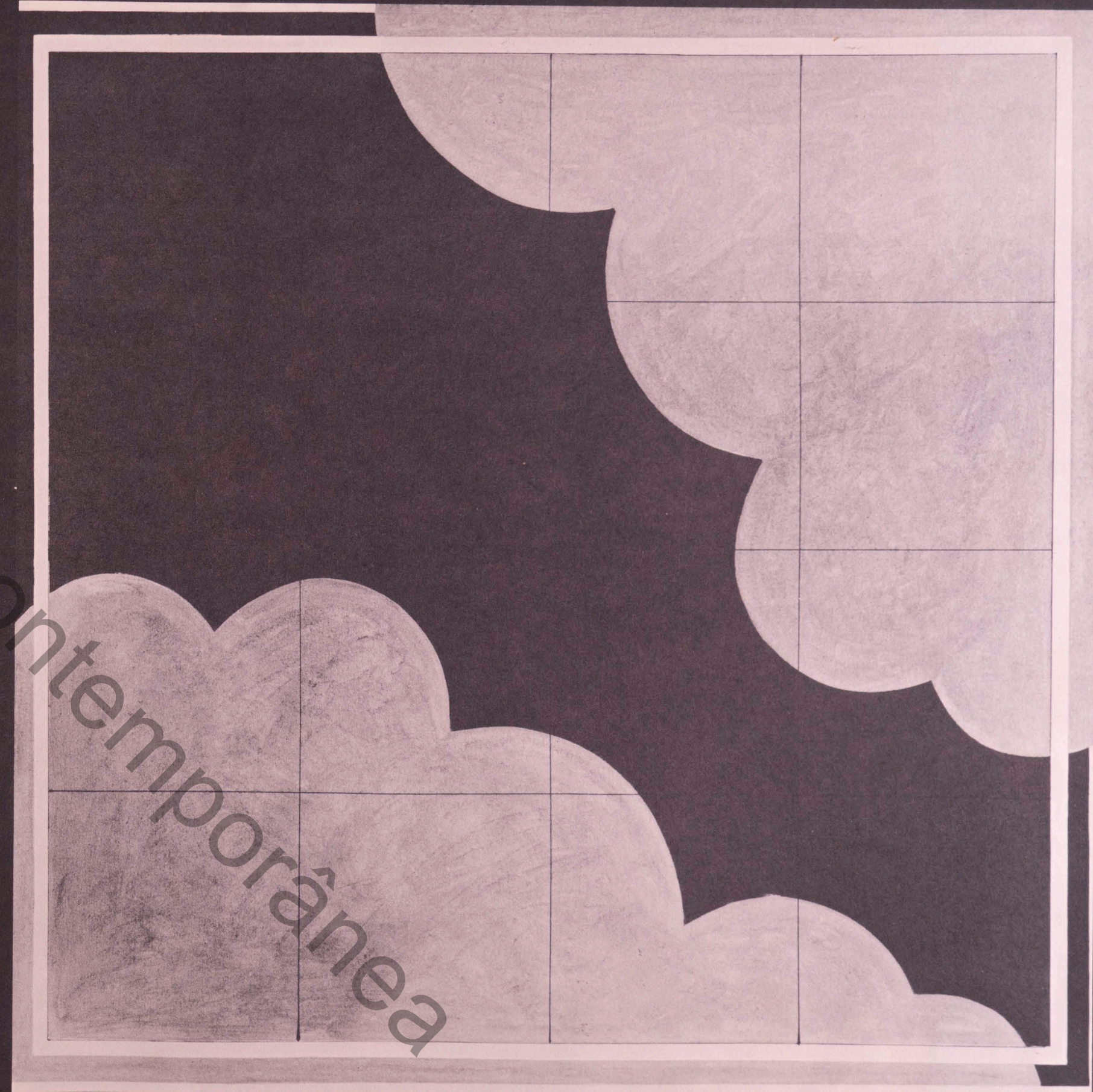




1976 / 1,30 x 1,30 cm



1976 / 1,00 x 1,00 cm



Edição  
Galeria Arte Global  
Alameda Santos 1893/SP

Direção  
Franco Terranova

Direção Executiva  
Raquel Arnaud Babenco

Programação Visual  
Fernando Lemos

Gráfica Impressores/SP

Fotografia  
Romulo Fialdini

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea